



NAWAL EL SAADAWI

“A Simone de Beauvoir do mundo árabe”. REUTERS

A MULHER COM OLHOS DE FOGO

O DESPERTAR FEMINISTA

“Um dos livros mais francos e radicais sobre a vida feminina, de todas as origens, em todas as partes do mundo.”

THE GUARDIAN

 FARO
EDITORIAL

NAWAL EL SAADAWI

A
MULHER
COM
OLHOS
DE FOGO

Prefácio de Miriam Cooke

Tradução:
Fábio Alberti

 FARO
EDITORIAL

COPYRIGHT © NAWAL EL SAADAWI, 1975, 2007, 2015.

WOMAN AT ZERO POINT WAS FIRST PUBLISHED IN ENGLISH, TRANSLATED FROM THE ARABIC ORIGINAL, IN 1983 BY ZED BOOKS LTD.

COPYRIGHT © FARO EDITORIAL, 2019

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do editor.

Diretor editorial **PEDRO ALMEIDA**

Preparação **JÚLIA DANTAS**

Revisão **MARTINHA FERNANDES**

Foto de capa **JUANLU ROJANO**

Capa e projeto gráfico **OSMANE GARCIA FILHO**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

El Saadawi, Nawal, 1931-
A mulher com olhos de fogo / Nawal El Saadawi ;
prefácio de Miriam Cooke ; tradução de Fábio Alberti. –
São Paulo : Faro Editorial, 2019.
160 p.

ISBN 978-85-9581-060-0
Título original: Woman at point zero

1. Literatura árabe 2. Mulheres - Países árabes - Ficção
I. Título II. Cooke, Miriam III. Alberti, Fábio

19-0002

CDD 892.736

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura árabe 892.736



1ª edição brasileira: 2019
Direitos de edição em língua portuguesa, para o Brasil,
adquiridos por FARO EDITORIAL

Avenida Andrômeda, 885 - Sala 310
Alphaville — Barueri — SP — Brasil
CEP: 06473-000
www.faroeditorial.com.br

PREFÁCIO

FIRDAUS É UMA PERSONAGEM CONHECIDA MUNDO afora. Sem dúvida. De Jacarta a Gidá, de Jerusalém a Joanesburgo, mulheres muçulmanas e não-muçulmanas conhecem essa mulher, essa heroína de *A mulher com olhos de fogo*. Esse romance — ou obra de não-ficção criativa, mais exatamente — coloca o leitor dentro da cela de uma mulher na última noite antes da sua execução.

Nós entramos nesse recinto de maneira hesitante e ficamos em silêncio, parados perto da porta discretamente. O lugar é escuro, e o ar está carregado de tristeza, desespero e danação. Aos poucos, a escuridão diminui, à medida que nossos olhos se acostumam, e nós assistimos ao desenrolar de um drama entre duas figuras cuja conversação permanecerá gravada para sempre em nossas mentes.

Uma psiquiatra e uma mulher a um passo da morte estão enfim frente a frente. A psiquiatra queria se encontrar com Firdaus fazia semanas, mas a prisioneira sempre se recusava. Por fim, em sua última noite na Terra, Firdaus decide contar a

sua história. Lentamente, a princípio, e então com mais velocidade e urgência, a prisioneira relata uma vida inteira de traição e abusos. Ela é uma órfã que passa pelas mãos de vários guardiões abusivos, um após o outro, e sua história mostra como a confiança é minada e finalmente se deteriora, até que reste no lugar apenas medo e distanciamento. Uma pessoa que foi privada da capacidade de confiar vive à margem da sociedade; ela é só a sombra de um ser humano. Tal pessoa vive por instinto, e suas avaliações e considerações não vão além da necessidade imediata de sobrevivência.

Não importa se essa história é verdadeira ou inventada, ou ambas as coisas (o que na verdade ela é). O que importa é que ela traz à luz uma tragédia universal digna de qualquer tragédia de Sófocles, ainda que sem os heróis épicos. Unidade de tempo, lugar e ação realizam mais uma vez a função de transportar o espectador para um ambiente de sofrimento vinculado essencialmente aos personagens, mas que também é universal. Os leitores são inevitavelmente atraídos para a catástrofe da vida de Firdaus, de tal modo que as esperanças e desapontamentos da prisioneira tornam-se deles. Você não precisa ser uma garotinha perdida para avaliar a enorme importância que o tio de Firdaus tinha na vida dela, e o terrível choque que ela sofreu quando foi abusada por esse tio. Você não precisa ser uma profissional do sexo para compreender as circunstâncias que a lançaram no abismo da prostituição, nem os demônios que a levaram a assassinar seu cafetão.

Os anos que passei abordando esse livro extraordinário nas minhas aulas confirmaram o que senti quando o li pela primeira vez, décadas atrás. Essa é uma história que sensibiliza todas as pessoas, independentemente de sexo, nacionalidade ou situação na vida. Leia os comentários em

sites como *Amazon* e verá as reações de surpresa a este livro. Todos eles são mais ou menos assim: “Tive que ler esse livro para uma aula, comecei a lê-lo com indiferença e de repente não podia mais parar.” Tenho certeza de que você também reagirá dessa maneira.

Miriam Cooke, 2007

INTRODUÇÃO

EU ESCREVI ESTE LIVRO DEPOIS DE ME ENCONTRAR com uma mulher na prisão de Qanatir. Alguns meses antes eu havia iniciado pesquisas sobre neurose em mulheres egípcias e pude dedicar grande parte do meu tempo a esse trabalho, pois na ocasião estava sem emprego. No fim de 1972 o Ministro da Saúde me afastara das minhas funções como Diretora de Educação em Saúde e Editora-chefe da revista *Health*. Essa foi mais uma consequência do caminho que eu havia escolhido como escritora e romancista feminista cujas ideias não eram bem vistas pelas autoridades.

Entretanto, essa situação me deu mais tempo para pensar, para escrever, para pesquisar e para me dedicar às consultas que eu conduzi com mulheres que me procuravam. O ano de 1973 representou uma nova fase da minha vida; também testemunhou o nascimento do meu livro *Firdaus*, ou *A mulher com olhos de fogo*.

Na verdade, a ideia para a minha pesquisa nasceu em decorrência da ação de mulheres que buscaram meu conse-

lhamento e minha ajuda para lidarem com situações que as haviam levado a um estado de “perturbação mental” de maior ou menor grau. Eu decidi escolher um número limitado de casos entre mulheres que sofriam de neurose, e isso me levou a fazer visitas regulares a vários hospitais e clínicas.

A ideia de “prisão” sempre exerceu uma atração especial sobre mim. Com frequência eu me perguntava como era a vida na prisão, principalmente para as mulheres. Talvez porque eu tenha vivido em um país onde muitos intelectuais de destaque ao meu redor haviam passado longos períodos de tempo na prisão por “delitos políticos”. Meu marido ficou encarcerado durante treze anos como “preso político”. Assim, quando certo dia acabei conhecendo um dos médicos da Prisão para Mulheres em Qanatir, eu não resisti à tentativa de trocar ideias com ele; sempre que nos encontrávamos, parávamos para conversar. Ele me contou muitas coisas sobre as mulheres prisioneiras que haviam sido detidas por diferentes transgressões. Falou-me, principalmente, sobre aquelas que sofriam de neurose em diferentes graus e que frequentavam a clínica mental do hospital-prisão de Qanatir.

Meu interesse passou a aumentar cada vez mais, e pouco a pouco foi crescendo em mim a ideia de visitar a prisão para ver as mulheres. Todo o meu contato com o interior de uma penitenciária vinha de filmes de cunho político; mas agora eu tinha a oportunidade de visitar uma prisão de verdade. A ideia se tornou ainda mais irresistível quando o meu amigo, o médico da prisão, passou a me falar longamente sobre o caso de uma mulher que havia matado um homem e por isso tinha sido condenada à morte por enforcamento. Eu nunca havia visto uma mulher que tivesse cometido assassinato.

O médico da prisão disse que me levaria para vê-la, e me mostrou outras prisioneiras que sofriam de perturbação mental. Por intermédio dele, consegui obter uma permissão especial para visitar a Prisão de Qanatir como psiquiatra e para examinar as mulheres. O médico ficou tão interessado no que eu planejava colocar em prática que me acompanhou na prisão na medida do possível, e me mostrou as dependências do lugar.

No momento em que atravessei os portões da prisão, eu fui tomada por uma súbita tristeza ao deparar com as edificações medonhas, as janelas com barras de ferro e a crueza de tudo o que havia em volta. Senti um calafrio percorrer o meu corpo. Mal sabia eu que um dia ingressaria pelos mesmos portões não como psiquiatra, mas como prisioneira, detida com outras 1035 pessoas por um decreto promulgado por Sadat em 5 de setembro de 1981. Contudo, nessa manhã em particular, no outono de 1974, nem passava pela minha cabeça a possibilidade de ficar confinada atrás daquelas paredes altas, soturnas e amareladas. Quando caminhei pelo pátio interno, pude ver de relance os rostos das mulheres que espreitavam por trás das barras de ferro como animais, com os dedos brancos ou escuros enroscados no metal negro.

No começo, Firdaus se recusou a me receber em sua cela, mas mais tarde ela concordou e nosso encontro aconteceu. Pouco a pouco ela se permitiu contar a sua história, toda a história da sua vida. Uma história terrível, mas também maravilhosa. Enquanto Firdaus me revelava a sua vida bem diante dos meus olhos, eu aprendia mais e mais sobre ela. Eu nutri sentimentos de afeição e admiração por essa mulher que me parecia tão excepcional no mundo de mulheres ao qual eu

estava acostumada. Assim, tempos depois eu comecei a pensar em escrever o livro que viria a ser conhecido como *A mulher com olhos de fogo* ou *Firdaus*.

Antes disso, porém, eu estava ocupada com as muitas mulheres que o meu amigo médico me mostrava nas celas e na clínica psiquiátrica, pois elas iriam constituir uma parte dos vinte estudos de caso detalhados incluídos na minha pesquisa, cujos resultados foram publicados em 1976 sob o título *Women and Neurosis in Egypt* [Mulheres e Neurose no Egito].

Firdaus, entretanto, continuou sendo uma exceção. Ela se destacava das outras, vibrava dentro de mim, ou às vezes se mantinha tranquila, até o dia em que resolvi colocar sua história no papel e lhe dar vida depois que ela morreu. De fato, no final de 1974, Firdaus foi executada e eu nunca mais voltei a vê-la. E, ainda assim, de algum modo, a imagem dela jamais deixou de me acompanhar. Eu podia vê-la diante de mim, divisar as linhas da sua testa, os seus lábios, seus olhos, observá-la enquanto ela se movia com orgulho. No outono de 1981, quando chegou a minha vez de ser jogada atrás das grades, eu ficava observando as outras prisioneiras se deslocarem pelo pátio interno, como se eu estivesse procurando por Firdaus, tentando avistar sua cabeça, que ela sempre mantinha tão erigida, os movimentos calmos das suas mãos, ou a expressão carrancuda em seus olhos castanhos. Eu custava a acreditar que ela tivesse realmente morrido.

Durante os três meses que passei na prisão, conheci várias mulheres acusadas de terem assassinado um homem, e algumas delas me lembravam Firdaus; porém nenhuma delas era como Firdaus. Ela permanecia única. Não apenas por suas feições, seus gestos, sua coragem, ou pelo modo como costumava olhar para mim do fundo dos seus olhos, o que a tornava

diferente das outras mulheres, mas por sua absoluta recusa em viver, sua absoluta falta de medo da morte.

A mulher com olhos de fogo é a história de uma mulher que, levada pelo desespero, acaba encontrando o mais negro dos finais. Apesar de sua miséria e desespero, essa mulher despertou em todos aqueles que — assim como eu — testemunharam seus últimos momentos, uma necessidade de desafiar e de superar as forças que privam os seres humanos do seu direito de viver, de amar e de serem livres de verdade.

NAWAL EL SAADAWI

Cairo, setembro de 1983

**ASSINE NOSSA NEWSLETTER E RECEBA
INFORMAÇÕES DE TODOS OS LANÇAMENTOS**

www.faroeditorial.com.br



Há um grande número de pessoas vivendo com HIV e hepatites virais que não se trata.

Gratuito e sigiloso, fazer o teste de HIV e hepatite é mais rápido do que ler um livro.

FAÇA O TESTE. NÃO FIQUE NA DÚVIDA!



ESTA OBRA FOI IMPRESSA PELA
GRÁFICA KUNST EM FEVEREIRO DE 2019